

CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

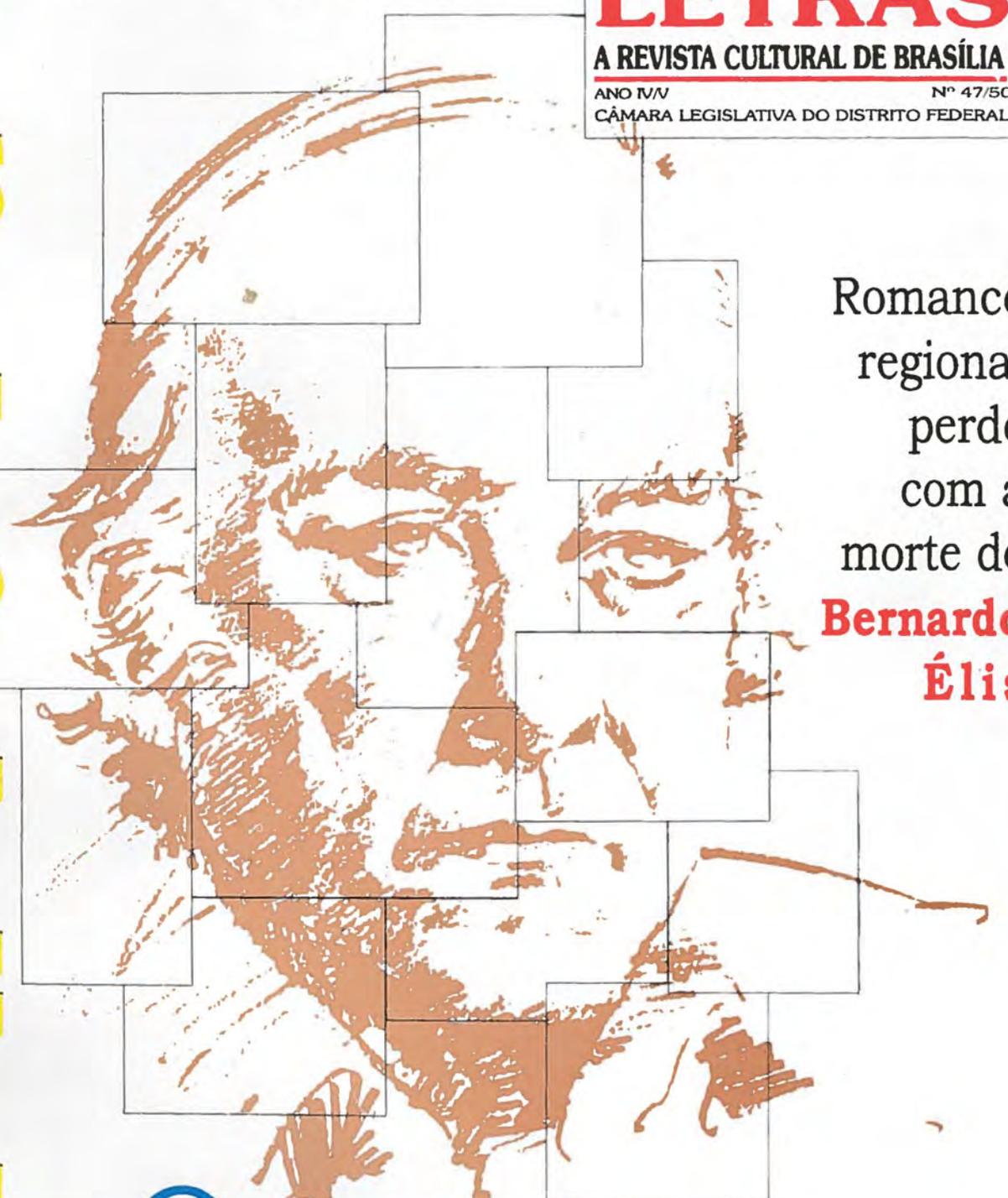
Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV/V Nº 47/50
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

V
i
n
i
c
i
u
s



Romance
regional
perde
com a
morte de
**Bernardo
Élis**

O poeta
Bossa-nova

O apanhador de cerejas

□ SILAS CORRÊA LEITE

Tenho as mãos inúteis e murchas nas algibeiras da calça rancheira de homem do campo e nem está frio pra fora. Tenho os olhos fundos de chorar. As arapongas calaram o machado do corte repetidor. Não é dia de matar porcos e nem de jipe cinza levar e trazer mudanças.

Sentado nessa cadeira de balanços, ao lado de tralhas de couro curtido, selas, pelegos, arreios, vejo ao longe um sol vestindo as calças curtas do horizonte. Por entre "calipiás" e coxilhas, onde gralhas azuis e garnizés silvestres esturricam teréns de cantos mansos e obreiros.

A tardinha é amena. Mas o meu íntimo é infinitamente triste. De-verdade, nem uma réstia de nuvem-lesma no toldo cinzazul dessa primavera teimando meio maio em Itararé.

Flores princesas ainda carregam nas nuances das cores vivas bucólicas. Borboletas de veludo andarilham rasantemente entre tulipas negras, marias-sem-vergonha e moedas de avencas.

No fim de um pequeno crepúsculo que minha parca visão de velho arigó alcança, vejo um estranho colhendo cerejas. E os pitos acesos das frutazinhas da árvore carregadinha sequer se anunciaram, espalhando odores tenros entre içãs e aleluias.

Parece que esse estranho Colhedor invadiu minha vida; sesmaria de terras que herdei dos meus finados pais, originários da beira do rio Tibagi, centro

do vizinho estado do Paraná, plagas do sul, celeiro do Brasil.

Causa-me estranheza que os cães de raça não latiram um nadica. Não fizeram o guaiú dos diabos de sempre, quando um qualquer de esquisito ou inusitado. Nem o Odorico Capataz acionou seus treinados vigias pés-vermelhos ou polacos. Posso ver o intruso com sua roupa larga, escura como o limbo, e o seu embornal alvo como narcisos de neve de gelo. Tem gestos lânguidos quando leva e traz os braços longos e claros, entrelaçando as mãos firmes num ténue ir e vir de colher os frutos que pra mim sequer existiam, mesmo que dados em época temporã, pois não é tempo deles, sequer flores as cerejeiras deram de abrirem ainda.

Estou com o coração transpassado de dor.

Bem que eu poderia acionar os lavradores da fazenda com um simples toque de berrante. Eles viriam, os campônios, com ancinhos, carabinas e bordões me prestar imediata ajuda. Amparar-me molóide e transfigurado como me resto feito lixo humano agora.

Bem perto de onde cismo, me as-



sunto, avalio a vida e observo o estranho, existem animais de segurança treinados para agirem com presteza dia e noite. Mas, o que adiantaria se eu os iscassem contra Ele?

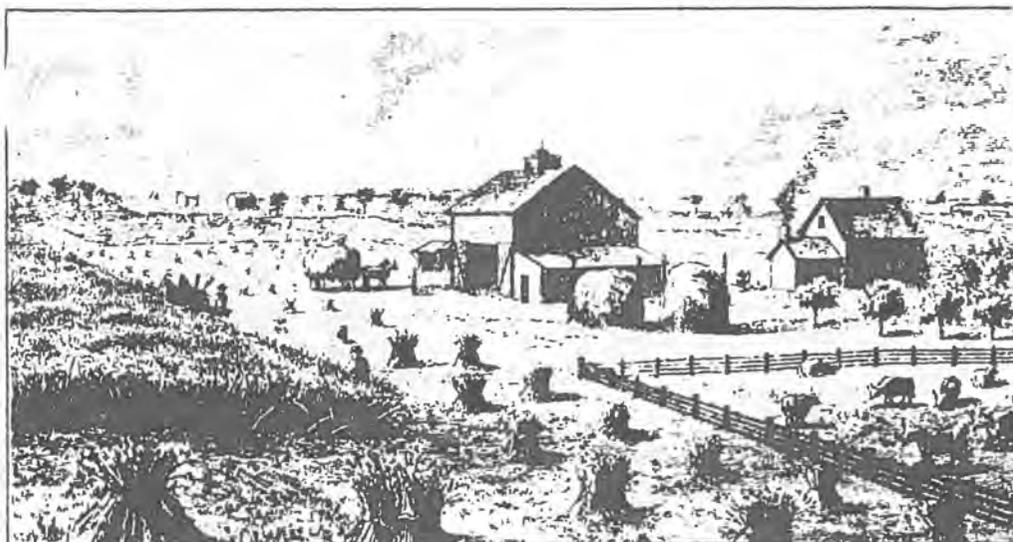
Não há o acordeom dos ventos sulinos nas viçadas quaresmeiras, não há fuligem na sombra. Nem picumãs no avesso estragado do meu ser. Tampouco o roda-cotia com cheiro de manjerona dos piás polacos com sardas e cabelos de milho. Muito menos o cheiro de pão de torresmo ou de bolo salgado de fubá caseiro. Sequer um só socado de monjolo no longe. É como se toda a natureza em préstimo de respeito e sentimento parasse a orquestra de acontecimentos sem fazer mixórdias sequer em mim mesmo. Ou do que me resto sendo feito um traste. Criando o inexistente.

O Apanhador de Cerejas veio!

E elas estão todas verdes. Não é tempo de colheita na seara da lavoura esperada, pretendida. Por isso tenho o coração com uma fenda, pisado, nesse espisar a lavra do gume temporão. Abatido, levado como se um barco tosco indo de bubuia no remanso-vazão com rendas de espumas flutuantes do rio Itararé.

A cerca de tabuinhas parece mais bonita com seu caiado recente. A rama de rosinhas tem pétalas manchadas de sangue de uma endoenças qualquer. A penumbra de um oitão infinito me divide, ceva, cereia. Estou sensibilizado ao extremo, como nunca dantes. E essa ternura traumatizada torna-me muito mais receptivo, "sentidor", amargo, radar do sensível, de sensorial extremamente atizado, aberto em viço cruel.

Tenho as mãos inúteis e murchas nas algibeiras da calça rancheira de homem do campo e nem está frio pra fora. Tenho os olhos fundos de chorar. As arapongas calaram o machado do cor-



te repetidor. Não é dia de matar porcos e nem de jipe cinza levar e trazer mudanças. Não há faniquito de quermesses íntimas e nem bandeirolas de acenos demorados. Apenas erranças e iluminuras.

Os aldeões aram um eito de terra com sua placenta vermelha. A tampa do poço salobre nenhuma vez fez bulha de mergulho fundo, indo em busca de dentro.

Olho o Apanhador de Cerejas.

Ainda está ali, aguardando a minha demorada e triste aceitação íntima.

Pensei em acenar logo, concordando que o porqueira venha buscar o recibo do fenecer desse arigó que me resto entregue; espiando a vida cobrar seu dízimo. Pensei em pegar o badame e atirar em Deus, atirar para cima. Chamando rupturas inevitáveis. Pensei em fugir para o trigal amarelo com seus espantalhos de pose, até confundir-me com eles todos, ou restar-me para sempre feito um corvo. Mas de nada iria adiantar. Estou arrasado.

Não escuto o canto das lavadeiras no córrego dos Cananéias. As janelas recolheram cortinas de cavalos negros bordados a mão pelas aias finadas. A porta torneada tem no batente uma imagem oca de São Judas. E um cincerro enferrujado, inútil, reles. Estou cheio de angústias. De não se explicar assim com palavras, atos,

existências tímidas.

As cerejeiras formam quase uma procissão parada, respeitosa de silêncio cúmplice.

Pela estrada pedrenta que ornamenta minha área da casagrande, não peregrina há horas um cangussu, nem numa tiguera rente um sanhaço com guache moderado de esquisito arco-íris-marrom.

Somente o Apanhador de Cerejas orna sua delicada missão de dor e de Adeus; de algoz. Estou magoado e não acredito no que deu-se de haver na minha mais infinita e dolorosa sofrência.

Um exercício de perda...

Meu filhinho único, primogênito de apenas três aninhos, está deitado com seu corpinho de anjo na toalha de algodão cru. Inerte dentro de um pequenino catre de cedro... Vestido de morte, para sempre.

Por isso essa minha complacência com a pureza do simples. Com a sensibilidade de uma ceifa doendo muito. Por isso essa minha sensibilidade a tudo que me cerca, me rodeia, às conhecenças e sinais do derredor.

Somente eu, um orgulhoso de coração partido, posso ver o Apanhador de Cerejas.

Dono de Todas as Coisas - que veio buscar meu gurizinho - valha-me Deus! - piazzinho de nada.

Cereja Verde colhida antes do tempo.

(Conto classificado no Mapa Cultural Paulista/Governo do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura)

Silas Corrêa Leite (Itararé/SP) é membro da União Brasileira de Escritores (UBE).